

Edição Especial | 3º OFF-ROAD BRIDGESTONE FIRSTSTOP MARROCOS 2019

ESCAPE

magazine

livro



Corações do Atlas

Uma viagem pelas histórias de Marrocos e uma receita de tajine



Mercedes-Benz



BRIDGESTONE





AFN

SPAL
PORCELANAS

valorpneu

ROAMER
1888

RFM

RAZÃO
AUTOMÓVEL

ESCAPE **livre** magazine

Produção: Organizações Escape Livre, SA

Redação: Nuno Antunes, Luís Celínio, Pinto

Moreira, Susana Costa

Colaboradores Permanentes: Luís Coelho, João
Fonseca

Fotografia: Escape Livre Magazine, Carlos Pedrosa,
Luís Coelho, Marta Monteiro

Publicidade: Rua Marquês de Pombal, 45 – 2º

6300-728 Guarda

Tel. 271 205 285

Fax 271 205 289

escapelivre@escapelivre.com

www.escapelivre.com

Design Gráfico e Paginação: Organizações Escape
Livre, Lda

Impressão: Ligação Visual

Tiragem: 30 exemplares

Esta edição especial da Escape Livre Magazine foi
escrita segundo o novo acordo ortográfico.



Nunca te surpreendas em Marrocos.
Se vires um burro a voar, diz apenas:
Deus é capaz de tudo.

Provérbio marroquino

Corações do Atlas

3º Off-Road Bridgestone FirstStop Marrocos 2019

A terceira edição do Off-Road Bridgestone FirstStop, a maior e mais ambiciosa aventura do Clube Escape Livre, partiu, uma vez mais, em busca dos tesouros de Marrocos.

O chamamento de África e a grandiosidade das paisagens marroquinas foi tal que, dois anos depois, voltámos, com a mesma energia, a mesma camaradagem e o mesmo espírito de descoberta.

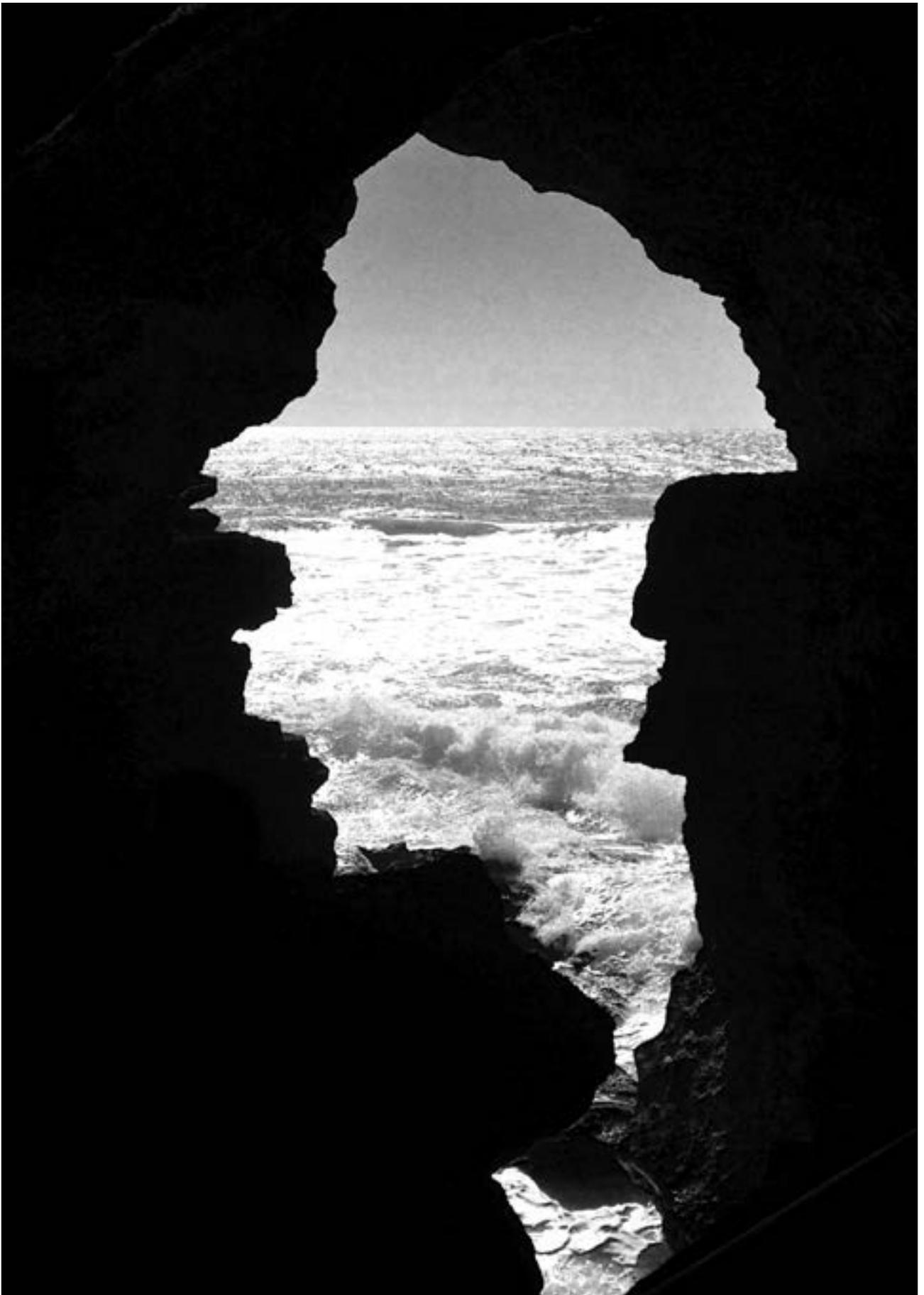
Com um programa totalmente novo, a esta viagem pelos saberes e sabores do Reino de Marrocos, juntaram-se experiências únicas fora de estrada que, aliadas à boa disposição e a grandes amizades, acabam por viciar quem vem, quem volta, e quem continua a

sonhar com as preciosidades deste tesouro do Norte de África.

A terceira edição arrancou em dia de feriado, 25 de Abril, com os participantes a rumarem a Jerez de La Frontera, vindos de vários pontos do país, enquanto outros apanhavam o avião para Casablanca, onde os esperavam os seus veículos 4x4 alugados.

O encontro de toda a caravana fez-se em Tânger, já depois da travessia de barco do Mediterrâneo.

Foi debaixo do sol africano que recebemos o nosso guia, Mohammed, que nos iria acompanhar nas nossas primeiras descobertas em terras Marroquinas.













Tingi, Tingis, Tânger

Uma cidade do mundo, um mundo dentro da cidade

Tânger vive numa permanente encruzilhada, entre África e a Europa, entre Mediterrâneo e Atlântico. A sua posição geográfica sempre a tornou desejável, razão pela qual mudou de mãos tantas e tantas vezes.

Fundada pelos Cartagineses, passou pelas mãos da Mauritânia e de Roma até à reconquista árabe. Foi Tingi, Tingis e Tânger. Em 1471, os portugueses apoderam-se dela, e haveriam de a entregar aos Ingleses antes que voltasse definitivamente à soberania árabe.

Para o Reino de Marrocos, Tânger é uma cidade muito especial. Foi aqui, nos Jardins da Mendoubia, que o Rei Mohammed V pronunciou, em 1947, a independência deste país.

Tânger é assim uma cidade com muitas raízes e muitas culturas. Ainda hoje presentes nos diferentes bairros da cidade. Do bairro inglês, ao italiano, ao espanhol e, claro, ao português.

Teatros, cinemas e cafés antigos, mostram os locais em tempos frequentados por poetas, pintores, fotógrafos

e escritores de todo o mundo. De Henri Matisse a Oscar Wilde passando por Tennessee Williams. Alguns chegaram a ir viver para Tânger, outros vinham apenas em busca de inspiração.

A caminho do Cabo Spartel, Mohammed fala-nos das reformas do Rei nas leis da família para proteger os direitos da mulher no casamento. Mohammed VI é um rei diferente, menos conservador. Foi o primeiro monarca a optar por ser marido de uma só mulher e a sua visão do papel da mulher na sociedade faz dele um dos reis mais amados pelas mulheres de Marrocos.

O farol do Cabo Spartel já se avistava ao longe. Terá sido com um pé aqui e outro no Cabo Malabata que Hércules separou África da Europa. Uma história que serve de aperitivo para a descida às grutas de Hércules, onde o lendário herói terá descansado após concluir os seus 12 trabalhos.

Os nossos, estavam apenas a começar. No dia seguinte, o primeiro dia de verdadeira aventura, partiríamos em direcção a Fez.



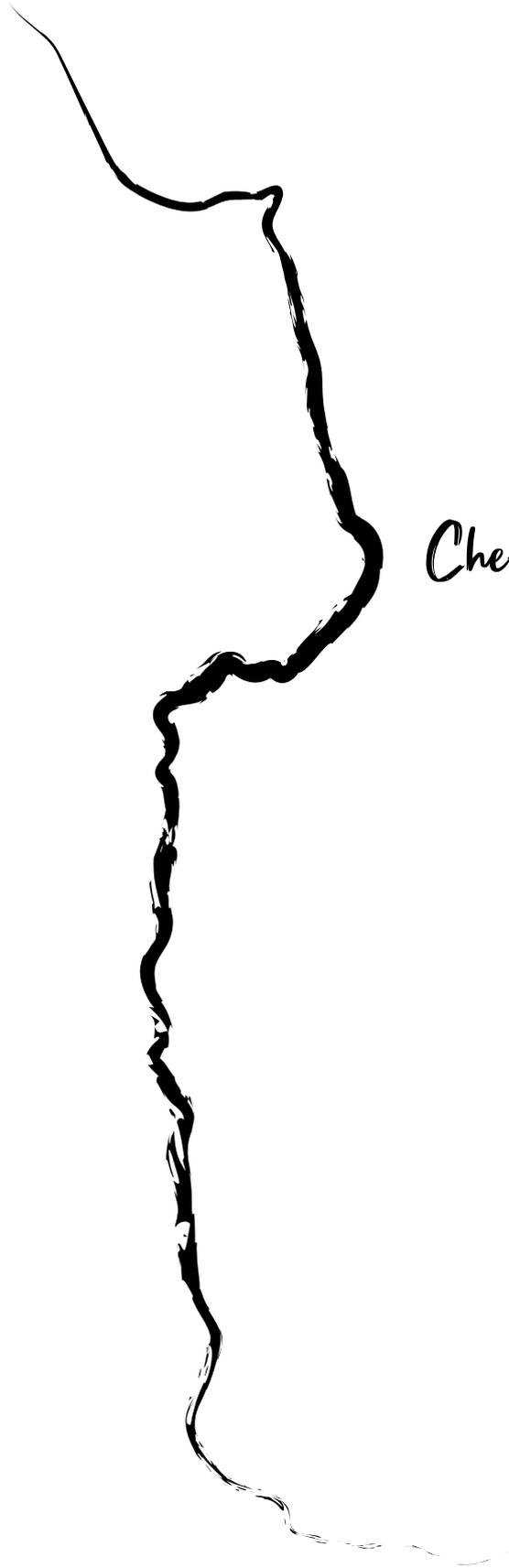




Aquele que entrar em Fez com um tapete,
sairá com um saco cheio de dinheiro.

Provérbio marroquino

Tanger



Chefchaouen

Fez

A safira azul de Marrocos

Bem-vindos a Chefchaouen, a cidade azul

A estrada iria levar-nos em direção à cidade de Fez. Mas, pelo caminho, paragem obrigatória na “cidade azul”.

Mergulhados neste mar de betão azul, é fácil perdermos nas ruas de Chefchaouen. Fácil e delicioso. As ruas labirínticas da cidade convidam-nos a uma viagem pelos sentidos.

As cores enchem os olhos, as especiarias o olfato e as orações a audição. O almoço tradicional que nos espera encarregar-se-á dos restantes.

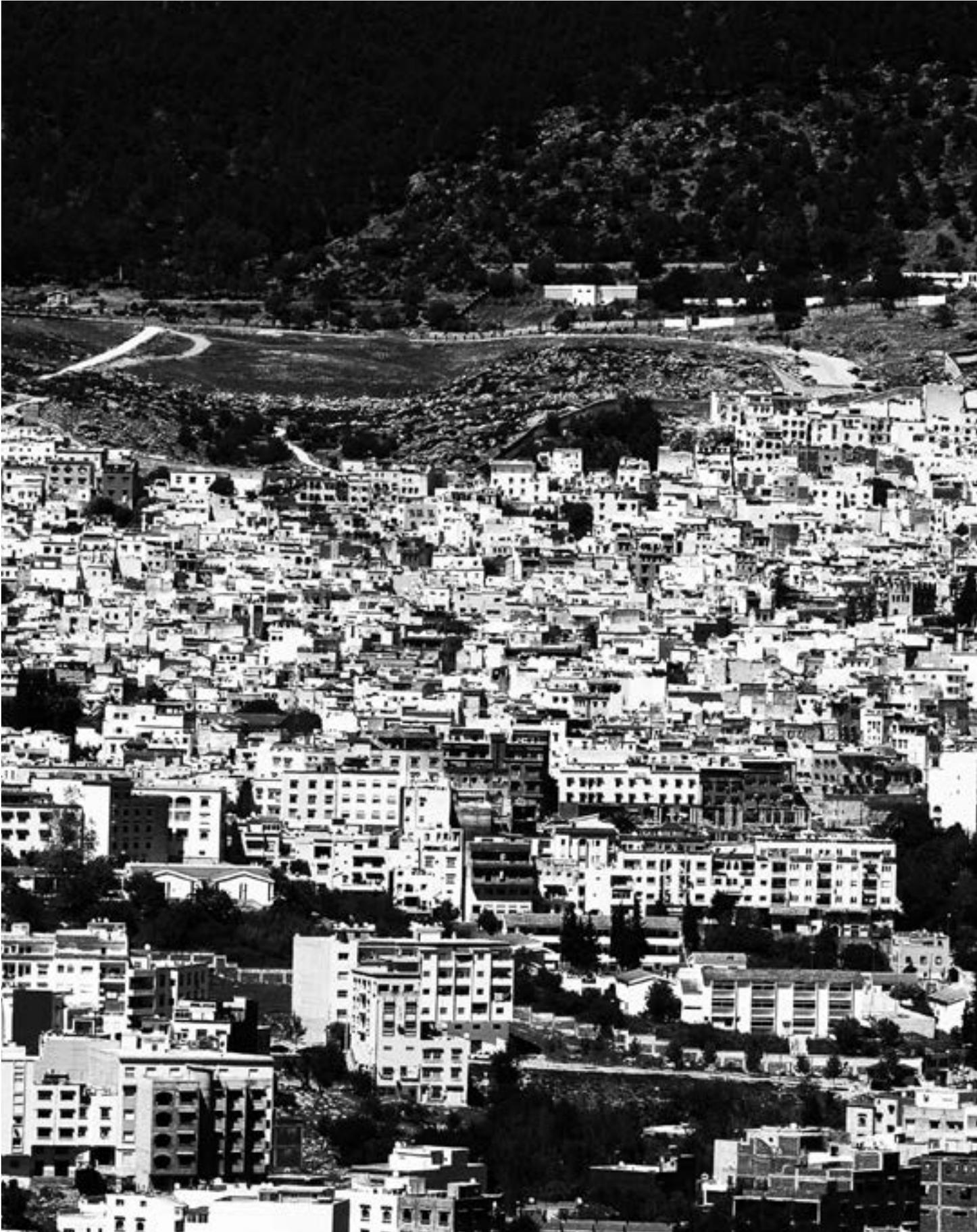
Na praça, junto à mesquita, no meio da multidão de turistas e locais, um rosto familiar sorri ao longe. Envergando o seu manto tradicional, Mohamed, o

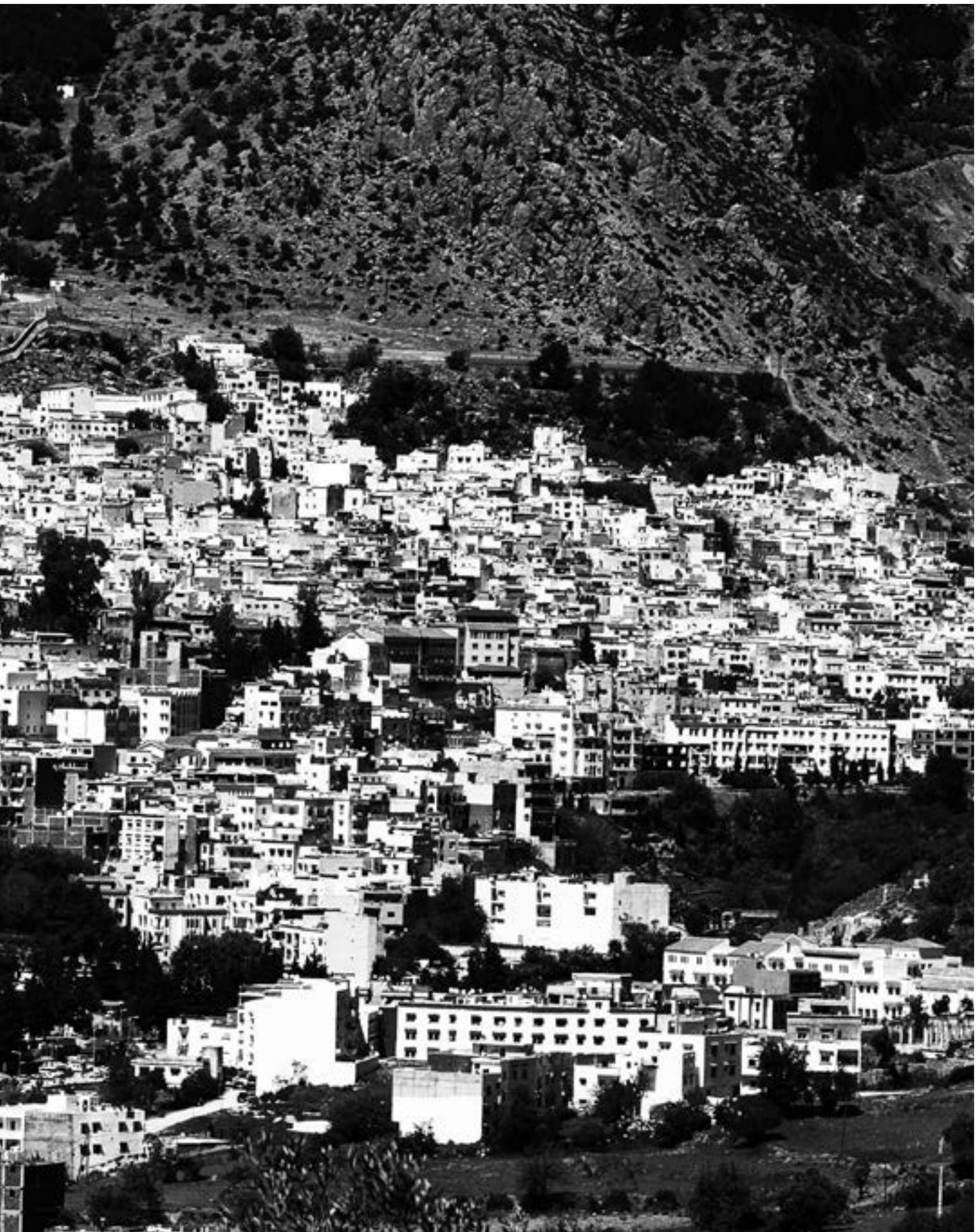
simpático guia que nos mostrou Tânger, acompanhava outro grupo na sua visita a Chefchaouen.

Calcorreando as estreitas ruas da cidade, encontramos tantas pessoas à porta das pequenas lojas como no meio das ruas. Paradas. À espera da sua vez para tirar uma fotografia sentadas numa escadaria azul que parece fundir-se com o céu. Um postal de Chefchaouen que todos querem levar.

A caminho de Fez, cidade natal do escritor marroquino nomeado para o Prémio Nobel, Tahar Ben Jelloun, começamos a apaixonar-nos por Marrocos. Pela sua rara beleza, pelas suas gentes, pelo seu cheiro e pelas suas cores. Uma “terra nunca emudecida, que sabe esperar e dançar sob os pés das mulheres.”











Marrocos, meu país

por Tahar Ben Jelloun

Se Marrocos fosse um rosto, seria uma luz, uma palavra do tempo, deriva das estações, enigma das pedras.

Meu país é uma infância que atravessa as muralhas e os séculos, guardada por um céu carregado de pássaros de passagem, sinais do longínquo.

A terra, nunca emudecida, sabe esperar e dançar sob os pés das mulheres.

O sol lentamente a desnuda enquanto mãos efêmeras deslizam rumo à noite.

A terra, a infância e a lua cheia encantam-se com as turbulências, as febres e as cheias dos rios.

E a origem deixa a argila para ancorar nas areias, e as

areias são o Sul, fonte e pátria desta luz desenhando o rosto do meu país.

E também a dor, as lágrimas no silêncio, os olhos perdidos no céu, espera cheia de terra húmida.

Há estações onde toda a claridade é cruel, chama que desce dos montes e das lendas, queimando os pés nus dos séculos onde a história semeia o esquecimento das chagas.

Há dias em que a História fere a despeito dos corpos do amaro orgulho.

Assim é meu corpo: sombra tresloucada num jardim de ilusões.









Apesar de cada trilho ser diferente,
existe apenas um caminho.

Provérbio marroquino





O bosque encantado

Um piquenique na Floresta dos Cedros

A estreia em percursos em terra chegou logo após a visita à cidade de Ifrane, onde o Rei Mohammed VI passa parte das suas férias.

Uma verdadeira pérola no meio de Marrocos, Ifrane é uma cidade que contrasta com todas as outras, assemelhando-se, nas paisagens e arquitetura, às cidades dos Alpes suíços e onde o Rei tem a sua estância de ski privada.

Os 70 km fora de estrada permitiram de imediato pintar as viaturas com a lama dos charcos das últimas chuvas. Fora das vias principais, começamos a sentir o verdadeiro cheiro da terra de Marrocos.

Ao longe, avistava-se uma muralha de folhas e troncos que quebrava a linha do horizonte.

A Floresta de Cedros, na região de Azrou, deve o seu nome ao encontro do General francês Henri Gouraud com o mais antigo cedro do Atlas.

De impressionantes dimensões, 35 metros de altura e um tronco com 10 metros de perímetro, o cedro, baptizado com o nome do General, diz-se que terá entre 800 e 900 anos.

Os olhares da caravana disparavam em todas as direções à medida que a floresta os envolvia à sua passagem. Os mais atentos poderiam ter a oportunidade de avistar um dos famosos Macacos de Gibraltar, uma espécie

ameaçada mas mais do que habituada a roubar comida aos visitantes mais incautos.

O ritmo abrandou e uma convidativa clareira chamava por nós para um animado piquenique ao final da manhã.

Com o farnel preparado, todas as atenções viraram-se para as duas viaturas preparadas pela AFN. Especialmente equipadas para estas aventuras, os dois veículos que integravam a comitiva rapidamente se transformaram num restaurante, com direito esplanada, bebidas frescas e muitas iguarias. Era preciso repor energias antes da subida que nos levaria a Bin El Ouidane.

O Hotel Chems Du Lac, construído na margem do lago da mais alta barragem de África, esperava por nós no final de mais esta etapa.

Por trás das águas calmas do lago, esconde-se a força da maior barragem hidroelétrica de Marrocos em produção de eletricidade. A água represada alimenta ainda uma vasta rede de irrigação, que se prolonga por 125 km e cobre mais de 65 000 ha de terrenos agrícolas.

Pela manhã, partiríamos para o coração do Atlas. Mais um passo longe da rotina do dia-a-dia, rumo a lugar diferente deste lugar. Um sentimento bem espelhado no poema Oitavo Dia, da poetiza marroquina Wafaa Lamrani.









Raiz

por Wafaa Lamrani

...

Se um sentido

se uma cor

se apenas um dia

sem o correio de segunda-feira

comboio de terça-feira

lavandaria de quarta-feira

reunião de quinta-feira

tédio de sexta-feira

a solidão do sábado

a gravidade do domingo...

Oh, tardes de domingo!

Se uma face em vez de outra

um número em vez de outro

uma vida em vez desta vida

um tempo em vez deste tempo

um sol em vez deste sol

uma terra em vez desta terra

um ar que é realmente ar.

Se apenas um dia

uma cor

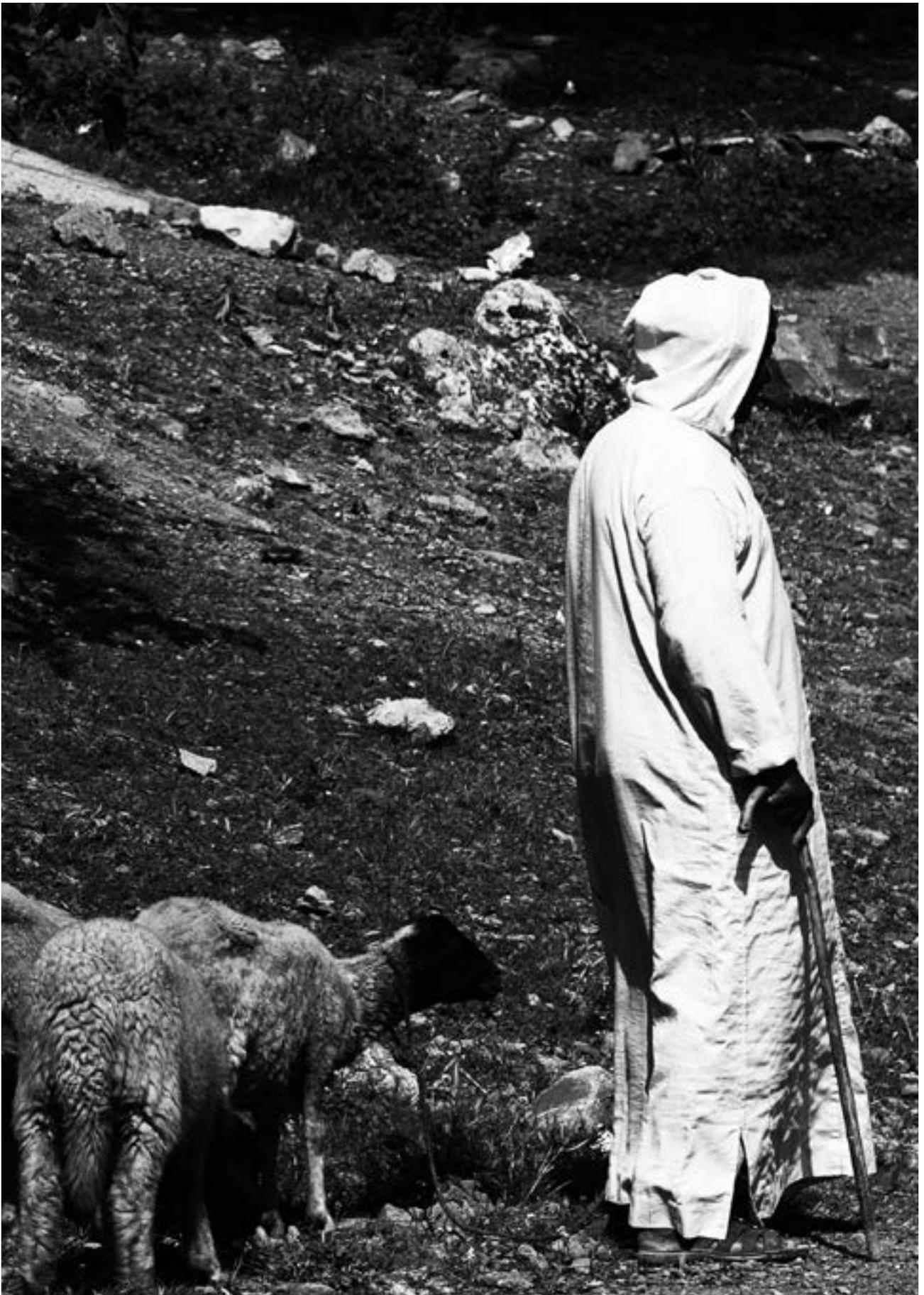
um sentido

...











Não tentes corrigir à força
o que pode ser ensinado com um beijo.

Provérbio marroquino



Histórias da montanha

Uma noite no Atlas

O dia prometia várias paisagens magníficas com a subida do Médio Atlas, mas a “Cathédrale de Rochers”, ou Catedral de Imsfrane, impôs-se, majestosa, na memória de todos.

Perdida no meio das montanhas do Atlas, longe da civilização, são poucos os que ainda se aventuram a descobri-la. Um maciço rochoso, cuja silhueta faz lembrar uma colossal catedral de uma imponência sem igual, que tem o seu ponto mais alto a cerca de 1800 m de altitude.

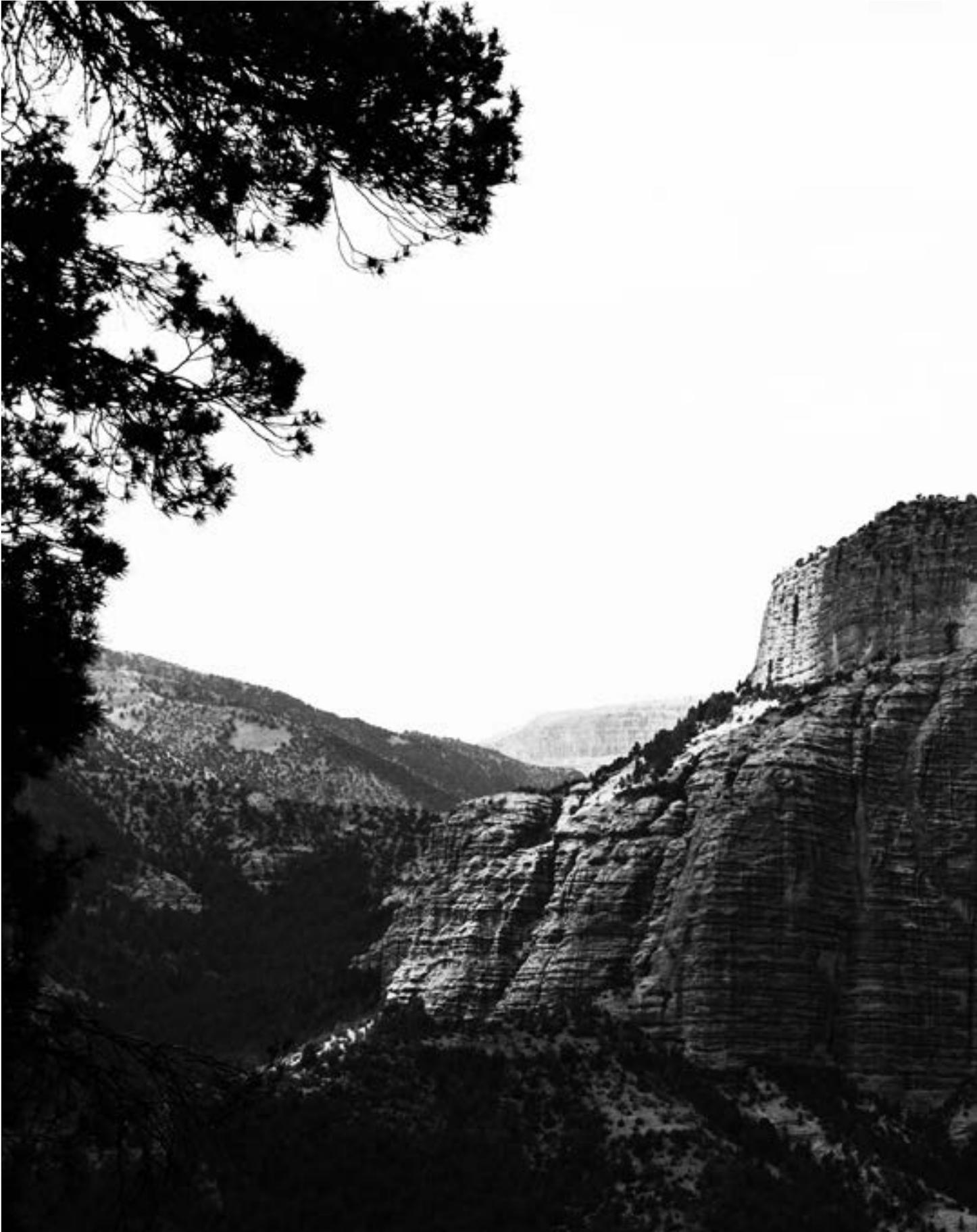
Foi precisamente essa a altitude atingida pela caravana em direção a Ait Bouguemez, uma aldeia “no meio do nada”, que nos recebeu com o frio de uma tempestade de chuva e granizo, mas com o calor dos nossos anfitriões das duas Kashbah onde pernoitámos.

A chuva torrencial que quase alagava os estreitos caminhos de Ait Bouguemez acabou por atraiçoar a passagem de um pequeno pontão em ruínas. Nada que o espírito de camaradagem e entreaajuda não se encarregasse de resolver em poucos minutos, perante os olhares atentos dos locais que, também eles, prontamente se prestaram a ajudar.

Ali, no meio das montanhas, no coração do Atlas, onde a internet não chegava, foram as histórias acompanhadas pelo tradicional chá e as conversas aquecidas à lareira que criaram o ambiente para uma das noites mais memoráveis desta viagem.

Histórias como a do lago Isli e Tislit, ali tão perto, e que nos leva para o imaginário das lendas marroquinas e das tradições daquela pequena aldeia.













Isli e Tislit

As lágrimas da união

Há muito tempo, numa época de que ninguém se lembra, dois jovens apaixonaram-se por estas partes. Um da tribo de Ait Bouguemez e outro de Ait Sokram. Mas era um amor impossível, porque pertenciam a tribos diferentes e a sua união nunca seria permitida pelas respetivas famílias.

Desesperados pela ausência de futuro para a sua relação, ele e ela começaram a chorar. E de tal forma verteram lágrimas que estas escorreram e formaram dois lagos. As dele criaram o Isli, que significa noivo, e as dela encheram o Tislit, que significa noiva.

Os dois choraram até não terem mais lágrimas para verter e, no final, acabaram com as suas vidas afogando-se nos lagos.

O destino dos jovens foi tão triste que mesmo após a morte se mantêm separados, desta vez não pelas inimizades tribais, mas pela montanha que se encontra entre os dois lagos.

A tristeza dos dois apaixonados contagiou as gentes, de tal forma que as tradições foram alteradas para permitir o casamento entre membros de tribos diferentes.

O que hoje torna a cidade próxima de Imilchil famosa

é o festival de Souk Aamor Agdoud N'Oulmghenni, um festival casamenteiro celebrado pelas tribos Ait Sokham e Ait Bouguemez.

Cerca de trinta mil pessoas, descem das montanhas, com as suas tendas, o seu gado, os seus camelos e montam uma cidade móvel, onde se realizam espetáculos de dança e se estendem mercados. As mulheres vestem as suas mais finas roupas, plenas de cor. Há música, comida e muita alegria.

Ocorre todos os anos, em setembro, para que rapazes e raparigas escolham os seus parceiros para a vida, de comum acordo. Um piscar de olho, um aceno de cabeça, são sinais de sintonia. Os amigos ajudam-se entre si na luta contra a timidez. Dar as mãos é o segundo sinal, mais definitivo, um símbolo de união que indica concordância.

Finalmente, se a mulher disser “conquistaste o meu fígado”, os seus sentimentos são claros. Na cultura berbere é no fígado, e não no coração, que reside o amor.

A partir deste momento as famílias de ambos terão uma reunião para acordar os preparativos para o casamento, planeado em detalhe, mais tarde, na aldeia do noivo.







Mesmo a mais imponente das montanhas
começa junto ao chão.

Provérbio marroquino

Ait Bouguemez



Boumalne Dades

Uma oração no topo da montanha

O ar puro do Alto Atlas

Depois da tempestade, o dia amanheceu frio mas sem chuva, na partida para uma das melhores subidas em terra, rapidamente apelidada pelos participantes de “Pikes Peak”. O percurso até aos 3000 m de altitude, na travessia do Alto Atlas, trocava o verde junto ao leito dos rios, pelo castanho e o cinzento da árida montanha.

Ao longe, o topo do Atlas, com as maiores altitudes de todo o Norte de África, cerca de 4000 m de altitude, estava ainda coberto de neve e acenava à passagem da caravana. E ali, no ponto mais alto da nossa viagem a África, num país profundamente religioso, crentes e não crentes puderam contemplar todo o esplendor da divina beleza da mãe natureza.

É também no interior das montanhas do Atlas que somos confrontados com a crua realidade de algumas das gentes de Marrocos. É a estes lugares, onde aparentemente a terra não faz tentações de gerar frutos, que várias famílias chamam lar.

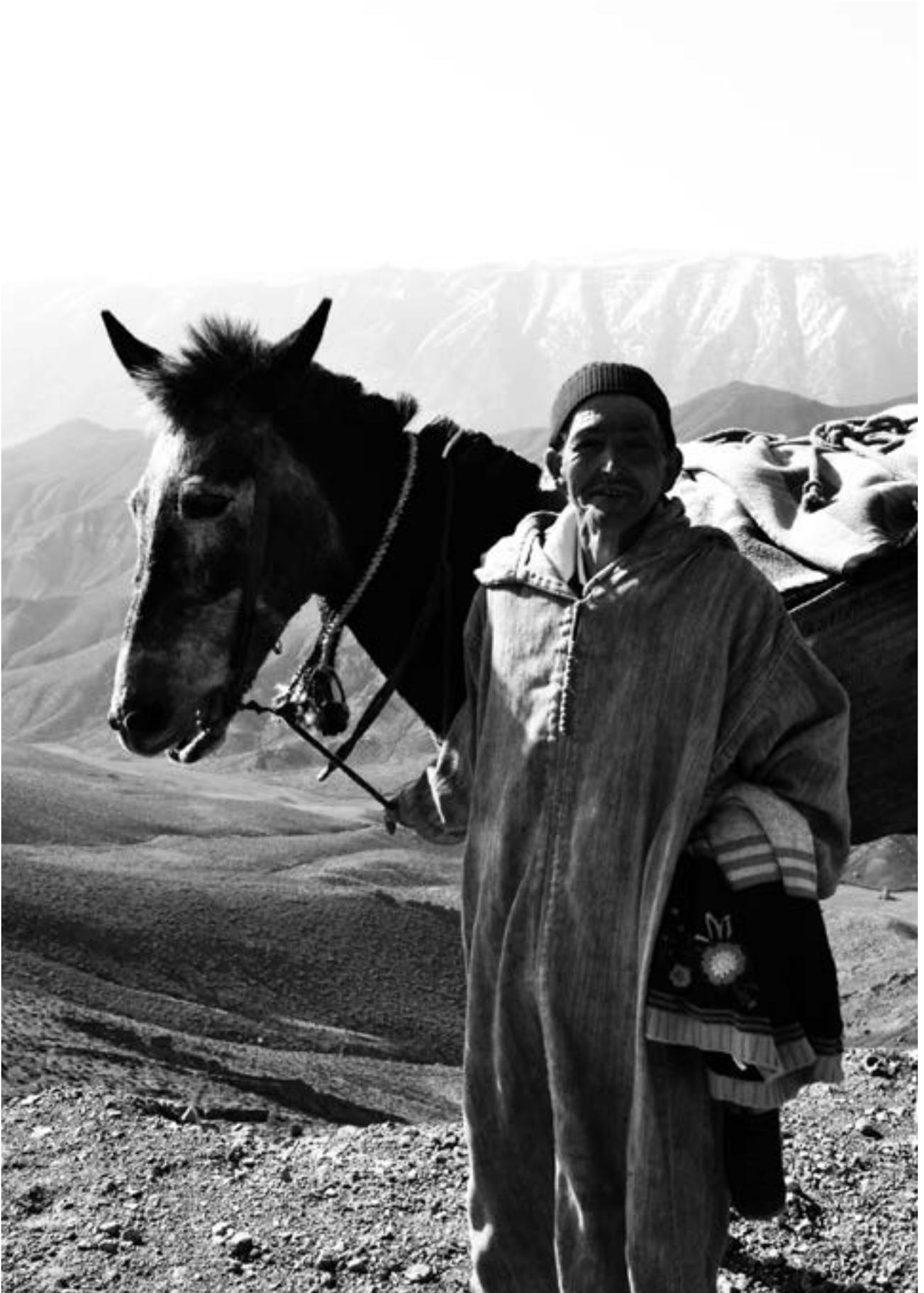
Em gestos que enchem o coração, vários participantes partilhavam com estas famílias pequenas coisas às quais damos pequena importância, mas que, para quem nada tem, significam tudo. Gestos como o do nosso patrocinador FirstStop que, dias antes, havia entregue a todos os participantes pequenas caixas de lápis de

cor para que pudessem distribuir pelas muitas crianças que ao longo de toda viagem nos abordaram. Roupa, calçado, canetas e blocos de papel, são outro do pouco que se dá, mas que nas mãos de quem pouco tem, se transformam em muito.

E foi esta caravana, repleta de pessoas com o coração do tamanho do Atlas, que rapidamente entrou nas deslumbrantes pistas rosa e acastanhadas do “Vallée des Roses”. O nome, no entanto, deve-se aos roseirais que permitem a produção de pétalas usadas em perfumaria e culinária, mas também para manter as cabras afastadas das culturas.

Ao longe, alguns rochedos arredondados parecem por vezes desafiar o equilíbrio e, ao longo do vale, encontram-se várias pequenas aldeias com casas tradicionais erguidas com a argila que lhes dá forma. Além das rosas, a economia da região baseia-se sobretudo na agricultura de cevada, milho e batata.

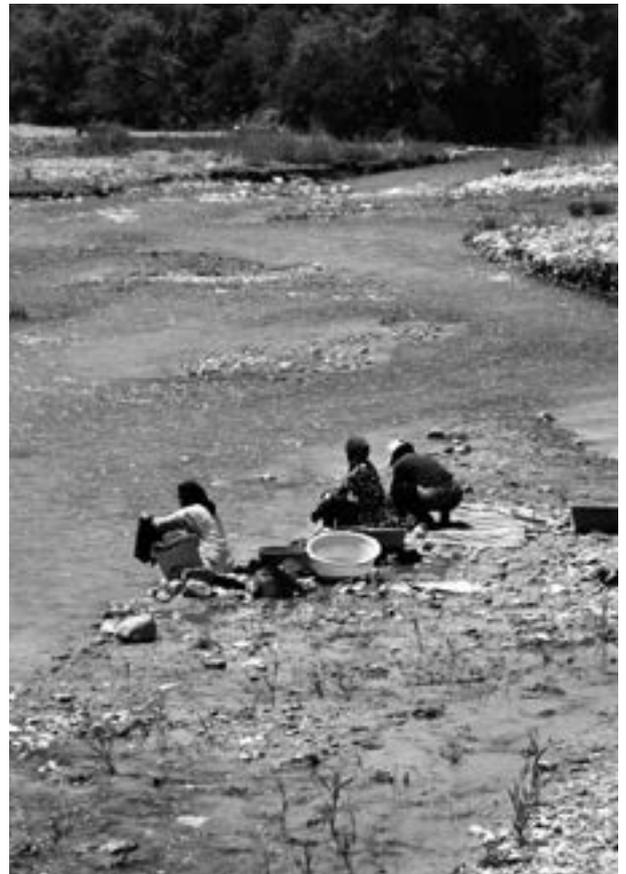
No conforto do terraço do Hotel, com vista panorâmica sobre a cidade de Boumalne Dades, o sol convida a um merecido mergulho na piscina. O burburinho e a azáfama das ruas é apenas interrompido pelo som dos altifalantes da mesquita que anunciam a todo o vale a hora da oração.











As Surahs do Alcorão

O livro sagrado do profeta

Surah, é o nome árabe dado a cada capítulo do Alcorão. O livro sagrado da religião islâmica tem cento e catorze, por sua vez subdivididas em versículos, ou ayat.

A Al-Fatiha, “A Abertura” em árabe, é o primeiro capítulo do Alcorão. Seus sete versos são uma oração por orientação divina e um louvor à misericórdia de Deus. É a mais importante Surah do Alcorão.

Segundo a tradição, todos os livros sagrados estão incluídos no Alcorão, e todos os significados do Alcorão estarão incluídos na Al-Fatiha. Se um homem ler esta Surah, estará a ler todos os livros sagrados.

É por ter este significado especial que a Al-Fatiha é recitada no início de cada uma das cinco orações diárias dos muçulmanos.





Al-Fatiha

A Abertura

1:1 Em nome de Alá, o clemente, o misericordioso!

1:2 Louvado seja Alá, senhor do universo,

1:3 clemente e misericordioso,

1:4 senhor do dia do julgamento!

1:5 Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda!

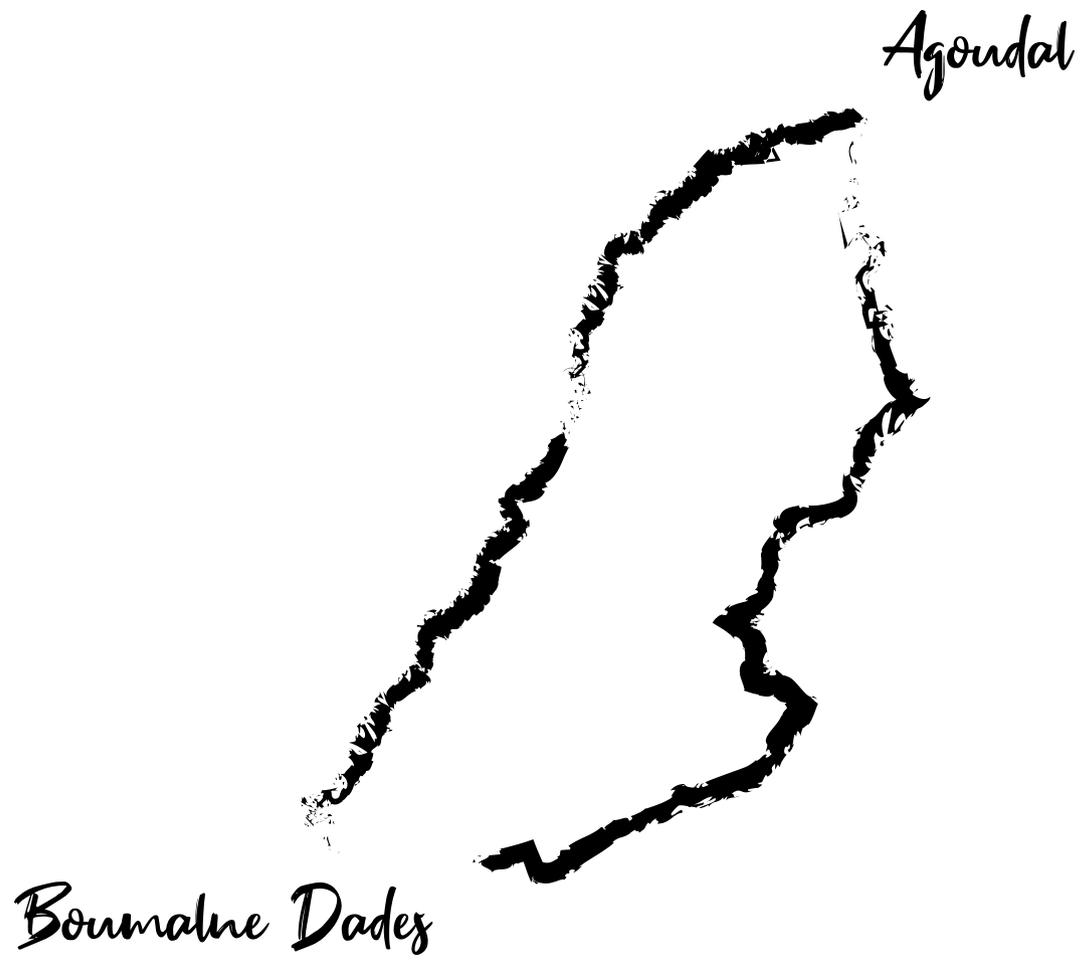
1:6 Guia-nos no bom caminho,

1:7 o caminho dos que agraciaste, não ao dos abominados, nem dos extraviados.



O camelo nunca vê a sua própria bossa,
mas a do seu irmão está sempre em frente à sua vista.

Provérbio marroquino





As gargantas de Marrocos

e a portuguesa com pés de camelo

A etapa que começa e acaba em Boumalne Dades, atravessa o bellissimo Jbel Saharo, outra das montanhas mais altas da cordilheira do Atlas, a mais de 2700 m de altitude.

É tempo de mergulhar nas “Gorges du Dades”, as Gargantas do Dades, onde até o mais imponente dos gigantes não deixaria de se sentir uma pequena formiga ladeado das colossais paredes escavadas na rocha pelo rio.

O topo, onde se chega depois por uma estreita estrada que serpenteia todo o desfiladeiro, é mais um momento de pausa para guardar o horizonte na memória.

Parte da beleza de Marrocos está nos contrastes deste país. Paisagens admiráveis que misturam as suas pitorescas aldeias cor de barro com a verde vegetação verde das margens dos rios e as áridas montanhas em redor.

O percurso voltaria a elevar-nos aos 2900 m de altitude, onde pudemos observar as cabras que trepam a montanha em manobras de malabarismo notáveis, de fazer inveja até ao mais ágil e potente todo-o-terreno.

Depois do almoço na aldeia de Agoudal, onde as crianças invadiram as ruas à chegada da caravana, foi

tempo de vistar as “Gorges do Todra”, as Gargantas do Todra. As passagens estreitas, que parecem querer engolir quem lá passa, conseguem surpreender mesmo quem acabou de subir as do Dades.

Na entrada, várias barracas de artesanato atraem os turistas e dão início a conversas de regateio até que ambos, vendedor e comprador, estejam satisfeitos. Do outro lado do estreito, são vários os que se aventuram numa escada nas escarpas do desfiladeiro. Um ponto de paragem obrigatório para os amantes da modalidade.

De regresso ao Hotel Xaluca, em Boumalne Dades, foi tempo de recordar as experiências vividas até ali, à volta de uma mesa farta de iguarias tradicionais e outras, mais ocidentais, para matar saudades. Antes do merecido descanso, coube aos patrocinadores serem os anfitriões da noite, numa conversa com entrega de lembranças aos participantes, com direito a uma surpresa especial, gentil cortesia da Federação Portuguesa de Futebol.

Cantaram-se canções à volta de um piano, brindou-se à aventura e à amizade e contaram-se histórias. Como a de Aicha Kandicha, partilhada por um dos funcionários do hotel, que remonta ao tempo dos portugueses em Marrocos, e que faz, ainda hoje, parte do folclore tradicional daquele país.









Aicha Kandicha

A lenda da Condessa portuguesa

Nos tempos de ocupação da costa de Marrocos pelos portugueses, há relatos do aparecimento de uma mulher misteriosa com pés de camelo.

Extremamente bela, seduzia, enfeitiçava e matava os homens com quem se cruzava. Chamavam-lhe Aicha Kandicha.

Conta-se que seria uma Condessa portuguesa, que se apaixonou por um rico comerciante de Safim. Converteu-se ao Islão e tomou o nome de Aicha. Tinha a pele de uma brancura pura, olhos em forma de amêndoa, boca cor de sangue e cabelos negros, brilhantes, soltos até às ancas.

Todas as noites, passeava-se nas ruas sem véu,

seduzindo e enlouquecendo os homens que se cruzavam com ela.

“Sou eu. Vou assombrar os teus sonhos e sufocar a tua respiração. Vou seguir-te como a tua sombra. Irás ouvir-me segredar aos teus ouvidos e comigo verás todas as cores. Nunca te abandonarei até que enlouqueças.”

São muitas as histórias em volta de Aicha, que se mantém uma figura enigmática do património cultural de Marrocos, que alimenta fantasias e desperta o imaginário popular. Será sempre um elo de ligação a Portugal, deixando a ideia de que a nossa presença em Marrocos desperta nesse país tanta curiosidade e mistério como Marrocos desperta em nós.







Aicha Konticha

por Manuel Alegre

A armada deixa Arzila. Sobre as naus
brilham uma última vez as armas portuguesas.

Quando os moiros chegarem verão apenas
uma mulher de negro pelas ruas.

Não resta mais de Portugal: só esse luto
na cidade deserta e abandonada.

Talvez um amor antigo ou um morto querido

talvez a luz o branco o sul

talvez o puro prazer de olhar.

Outros amaram Arzila mas não tanto
que tivessem de ficar só por amor.

Ela só quis Arzila por Arzila.

Os moiros lhe chamarão Aicha Kandicha
e enquanto a armada se despede lentamente

ela só é senhora da cidade.

De negro está vestida

ela só na cidade abandonada.

E nunca mais Arzila será perdida

e nunca mais Arzila será tomada.



Há três coisas que custam a deixar para trás:
água, árvores verdes e uma cara bonita.

Provérbio marroquino

Boumalne Dades



Zagora

Erg Chegaga





À luz das estrelas

Uma noite no Sahara

Diz-se que as melhores coisa da vida chegam a quem as espera. E antes de pisar as areias do Sahara, previa-se um dos dias mais duros do passeio, com 420 km a percorrer, 80 dos quais fora de estrada.

O destino, Zagora, a porta de entrada do deserto para tantos outros aventureiros como nós.

Pelo caminho, a promessa que é Marrocos arranja sempre forma de nos surpreender. Milhares de palmeiras, numa extensão de 250 km, esperavam por nós no Vale do Draa. O maior palmeiral do mundo, que faz desta a região das Tâmaras, é um inesgotável tapete verde bordado no interior de Marrocos.

Um oásis inesgotável que se alimenta da teimosia do rio Draa, que apesar de ser forçado a esconder-se durante longos períodos do ano, penetrando nos solos cada vez mais arenosos e permeáveis, continua a regar de vida este vale.

O rasgo de alcatrão que atravessa Zagora está ladeado de incontáveis oficinas mecânicas, lojas de peças e armazéns de pneus. Tudo o que as várias caravanas de jipes e motos que ali param precisam para se aventurar no deserto.

Recebidos principescamente para um almoço na Riad Lamane, elevámos ânimos e energias para o que restava da jornada. Em breve deixaríamos a cidade em

direção ao Sahara, ao acampamento de Erg Chegaga.

As pequenas nuvens de areia fina que iam cobrindo a estrada de um manto dourado anunciavam as primeiras dunas. A entrada no Sahara depressa proporcionou as tão ansiadas experiências de condução em areia que muitos desejavam.

Começava uma dança entre máquinas, pilotos, pneus e as areias do Sahara. Um bailado que fazia a caravana serpentear pelas dunas ao ritmo do deserto.

E quando tudo o que a vista alcançava era deserto, avistámos no horizonte uma pequena tempestade de areia. Em poucos minutos, fomos engolidos por uma onda dourada que nos fechava os olhos ao mundo. A caravana, agora mais compacta do que nunca, apenas podia confiar na navegação por satélite para chegar ao seu destino e claro, no Orlando Romana, imprescindível orientador do grupo e conhecedor destas andanças como ninguém. O deserto tem uma forma muito sua de receber os convidados.

Mas aqui, um só dia pode receber a visita de todas as estações do ano. E tão depressa como nos escondeu o caminho da vista, o ventou dissipou a areia para que, do cimo das dunas do Sahara, pudéssemos assistir ao pôr-do-sol do deserto. Um fenómeno superado apenas pela beleza do céu estrelado com que a noite do deserto nos presenteia.









O saco de areia de Deus

A lenda do deserto árabe

Conta a lenda que Deus, na criação do Mundo, deu ao Arcanjo Miguel um saco de areia para distribuir pelo mundo, para que ele criasse as praias e as dunas.

Miguel começou a construir as praias e o mundo estava cada vez mais lindo. Porém, quando o diabo viu as belezas que o Arcanjo estava criando, furou o saco e toda areia caiu, de uma só vez, no lugar onde vivem hoje os árabes.

Deus, para recompensar o povo, deu ao árabe o turbante, que vale mais que a coroa de um rei, pois serve para proteger a cabeça do sol, e deu a tenda ao nômade, que vale mais que um palácio, pois pode mover-se de um local para o outro.

E para que o povo árabe pudesse sentir-se mais perto dele, baixou as estrelas por cima do deserto, para que todas as noites eles o pudessem contemplar.







Confia em Deus, mas amarra o teu camelo primeiro.

Provérbio marroquino





Marraquexe, meu amor

Nunca se diz adeus a Marrocos

Os primeiros raios de Sol foram recebidos pelos mais madrugadores no cimo das dunas do Sahara. A escuridão dava lugar à luz, e o dourado das areias do Sahara parecia querer competir com a luz do próprio astro que se erguia.

Marraquexe esperava-nos, mas no caderno de encargos estavam cerca de 450 km, dos quais 120 fora de estrada. O primeiro desafio espreitava mesmo ali ao lado, a travessia do Iriki, o maior lago seco de Marrocos.

A luz da manhã e o calor do deserto uniam-se para pregar partidas ao olhar. As dunas transformavam-se em água e até as palmeiras espelhavam o seu reflexo nessa ondulação azul. Para quem se atrevia a olhar em direção ao horizonte, seria difícil não acreditar nos próprios olhos. Mas é esta a fama das miragens do deserto. Uma ilusão para atrair para as suas areias quentes os que vão em busca de água.

Sem que ninguém caísse em tentação, seguiram-se as pistas em direção a Foum Zguid. Se dúvidas houvessem, foi nos trilhos duros dos últimos quilómetros fora de estrada que as Mercedes-Benz Classe X voltaram a apresentar os seus argumentos.

Os exigentes 300 km finais até Marraquexe puseram à prova a resistência de todos. A estreita estrada de montanha, povoada de transportes de mercadorias que desafiam as leis da gravidade, tal não é a altura das

cargas que transportam, parecia um obstáculo quase intransponível. Felizmente a caravana estava animada, muito graças ao farto piquenique “à portuguesa” que se realizou após a saída do deserto.

Depois das verdes paisagens do norte, da subida aos picos nevados do Atlas e a descida às areias do Sahara, fomos recebidos em Marraquexe com uma tempestade de chuva que inundou as ruas à entrada da cidade.

Na estrada que desemboca em Marraquexe, carros e motos semi-submersos lutavam contra a corrente para chegar ao seu destino. O Hotel Savoy era o ansiado oásis que surgia ao longe depois de um dia longo e cansativo que terminou da melhor forma repleto de novas experiências.

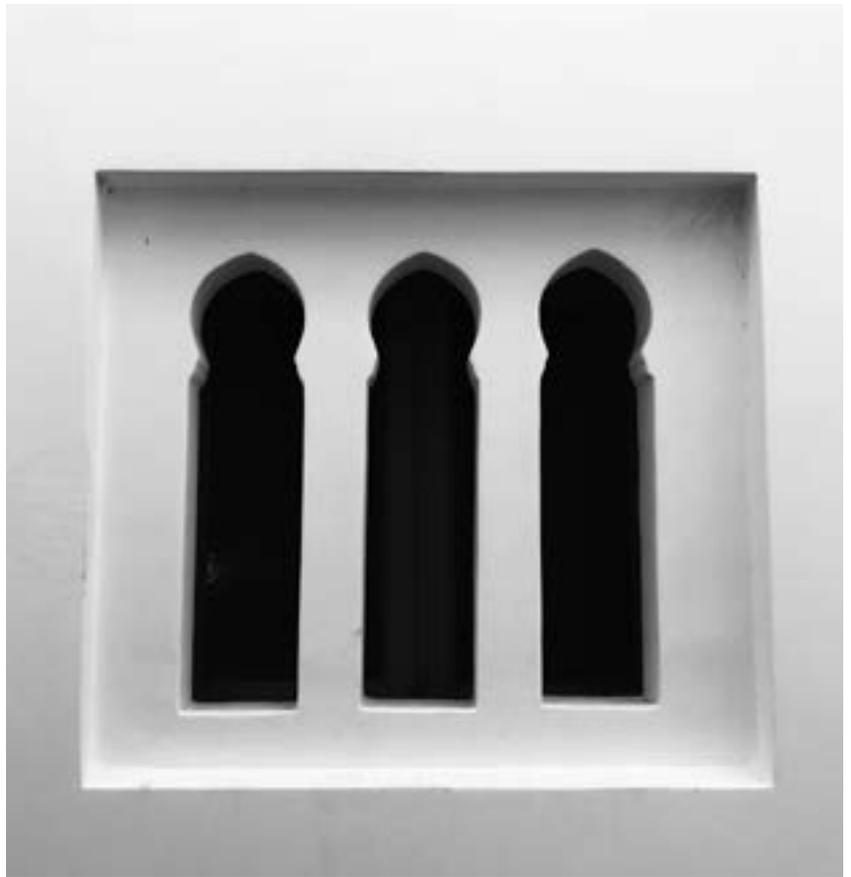
Agora, restava apenas aproveitar o dia livre em Marraquexe, dando uso aos dirhams nas incontáveis lojas da Medina que desembocam na célebre praça Jemaa el-Fna. O já tradicional jantar de despedida com dançarinas e muita animação encerrou, uma vez mais, o programa oficial da nossa aventura por terras marroquinas.

Depois de quase 4000 km e mais de 80 horas ao volante, a enriquecedora experiência vale pelos momentos vividos, pelas paisagens, pela amizade e pelo convívio.

Até para o ano, Insha’Allah!







O génio da Tajine

Sabor a Marrocos

A tajine é uma panela árabe que resiste a altas temperaturas. Serve para cozinhar diretamente e, a sua tampa em forma de cone, faz com que o vapor não saia e volte para o fundo. A base é depois levada à mesa para servir. Os pratos confeccionados nas tajines são feitos a baixas temperaturas, conseguindo com que as carnes fiquem mais macias e tenras.

Para que se possa sentir um pouco mais próximo destes sabores ou, quem sabe, para matar as saudades, deixamos aqui uma receita de Tajine de Frango e Limão marroquina. Bom proveito.

Óleo
1 Frango
1 Cebola
Pão Ralado
1 Ovo
Salsa
Sal e Pimenta
Açafrão e Canela
Limão
Azeitonas Verdes

O frango deve primeiro ser limpo e deve ferver em água durante cerca de 30 minutos. Guarde a calda de cozer o frango.

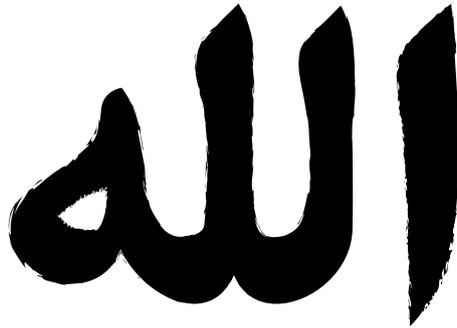
À parte, vá picando a cebola e misture com a salsa e com o pão ralado. Adicione o ovo e tempere com pimenta e canela. Isto deve tornar-se uma massa com tudo bem misturado.

Depois de arrefecer, corte o frango em pedaços. Entretanto, pode colocar num tacho o óleo, adicionando o sumo de limão e calda de cozer o frango, e temperar com açafrão e salsa picada.

Quando ferver pode colocar os pedaços de frango envolvidos na massa de ovo e cebola nesta mistura do tacho. Deixe cozinhar durante cerca de 30 minutos. No final, adicione as azeitonas verdes.







O pouco e duradouro é melhor do
que o muito e passageiro.

Provérbio marroquino

Por agora, dizemos adeus, na esperança de que aproveite bem este pedaço dos sabores e dos cheiros daquele país.

Quanto às cores de Marrocos, bem, essas ficam guardadas na memória de quem lá esteve e à espera de fazer parte das suas, se aceitar o desafio de se aventurar com o Clube Escape Livre. As inscrições para a aventura de 2020 já estão abertas e basta escrever-nos para escapelivre@escapelivre.com para ficar a saber tudo.

Com disse Rick Blaine, personagem interpretada por Humphrey Bogart no filme Casablanca, acho que pode ser o início de uma bela amizade.







Mercedes-Benz

